

A cirurgia de redesignação sexual no Brasil: rostos e corpos buscando uma identidade

*Sex reassignment surgery in brazil:
faces and bodies seeking an identity*

Luciana Maria Masiero

*Universidade de Salamanca,
Doutora em Ciências Sociais,
lumasiero@usal.es*

04

Resumo

As cirurgias plásticas são instrumentos médicos que atuam como mediadores de exigências culturais nas sociedades modernas. Dentro dessa especialidade, a cirurgia de redesignação sexual adequa o sexo anatômico ao sexo psicológico do indivíduo promovendo uma desnaturalização de identidades normativas de gênero. Este estudo visa entender as mudanças socioculturais através da análise dos relatos de vida de duas mulheres transexuais brasileiras. Como materiais, foram realizadas entrevistas em profundidade e também analisadas as redes sociais (YouTube, Instagram, Twitter, Facebook) e um livro autobiográfico. Viu-se que as subjetividades e experiências estão ligadas ao desejo de aceitação, para si e para os outros, adquirido principalmente pela mudança de gênero. Portanto, a cirurgia de redesignação sexual torna-se uma ferramenta para conquistar a identidade, a liberdade corporal e, também, a felicidade.

Palavras-chave: Cirurgias Plásticas; Gênero; Identidade; Antropologia.

Abstract

Plastic surgeries are medical instruments that act as mediators of cultural demands in the modern societies. In this specialty, the sex reassignment surgery adapts the anatomical sex to the psychological sex of the individual, promoting a denaturation of normative gender identities. This study aims to understand sociocultural changes through the analysis of the life story of two Brazilian transsexuals women. As materials was used interviews, social networks (YouTube, Instagram, Twitter, Facebook) and an autobiographical book were also analyzed. It was seen that subjectivities and experiences are linked to the desire

for acceptance, for themselves and for others, Acquired mainly by the change of gender. Therefore, sex reassignment surgery becomes a tool for conquering identity, bodily freedom, and happiness.

Keywords: Plastic Surgery; Genre; Identity; Anthropology.

Introdução

“Eu usava roupas normais, mais larguinhas, calça jeans, camiseta largona. Eu tentava de todo jeito não deixar a minha feminilidade aparecer. Cidade pequena, né? Vocês podem imaginar como era” (GUIMARÃES, 2016, p. 55). O medo de ser de um gênero diferente do sexo do nascimento é frequente em pessoas transexuais. As construções coletivas binárias de gênero, geralmente transfóbicas, intimidam os indivíduos que não se enquadram nas normas naturalizadas socialmente causando sofrimento e confusão acerca de quem realmente são.

O poder social pode atuar sobre o sujeito mediante fenômenos psíquicos, que sutilmente restringem os desejos de quem está fora do padrão cultural, com o fim de promover a integração e sociabilidade (BUTLER, 1998). Esse poder sociocultural, mascarado pela ideia de aceitação social, aos poucos vai transmutando-se em reflexões acerca da corporalidade que acabam limitando a expressão social do corpo do sujeito que não se identifica com as normas de gênero naturalizadas pela sociedade. Desta maneira, a constante projeção do modelo de gênero binário, mesmo podendo ser subjetiva e indireta, causa mal-estar e começa já no registro do nascimento quando ocorre a primeira classificação da pessoa como sendo do sexo feminino ou masculino.

Por outro lado, a transexualidade possibilita uma desnaturalização das normas de identidade de gênero transformando o masculino e o feminino em matizes de um mesmo corpo híbrido que foge dos padrões

estabelecidos pela sociedade. Esse processo de transição inicia quando os sentimentos são compreendidos pela pessoa que começa a modificar o seu corpo andrógino adequando-o à preferência de gênero elegido. Neste momento, a identidade de gênero do nascimento se desconstrói para então reconstruir-se por sistemas que representam a nova forma com que o indivíduo se relacionará com o universo sociocultural, sendo uma experiência não uniforme e distinta para cada pessoa (COSTA,1989).

Neste sentido Ochoa (2004) afirma que para promover-se uma política antinormativa, é necessário considerar o propósito da teoria *Queer*. Essa teoria questiona a noção de identidade propondo uma reflexão às imposições culturais que nos obrigam a construir os corpos usando-os de modo a ajustá-los aos critérios estéticos, morais e higiênicos compartilhados pelo grupo a que pertencemos (GALLI ET AL., 2013). Para Ochoa, estratégias locais também devem ser usadas para articular uma política do desejo através do estudo das diferentes culturas escutando as narrativas das pessoas, pois, segundo ela, não se deve homogeneizar a transexualidade, mas sim cultivar as alteridades sexuais e de gênero de acordo com cada indivíduo.

O estudo de Lima & Cruz (2016), fez um breve resumo do percurso da transexualidade no tempo. Para eles, o termo transexual foi referido pela primeira vez em 1910 por Hirschfeld, mas somente no final da segunda Guerra Mundial teve a sua definição descrita por Cauldwell. Entretanto, a transexualidade como objeto de diagnóstico psiquiátrico foi delineada na segunda metade do século XX por John Money e Robert Stoller como transtorno e/ou disforia de gênero com uma condução terapêutica que passava pelos processo hormonal e de intervenções cirúrgicas (LIMA & CRUZ, 2016) temas hoje bastante discutidos nas ciências sociais.

Como grande parte dos estudos que tratam sobre a transexualidade abordam aspectos relacionados principalmente a procedimentos cirúrgicos (GALLI ET AL., 2013; SOLEY-BELTRÁN, 2004; JUNIOR, 2012), tratamentos hormonais (BORBA & OSTERMANN, 2008; SILVA, 2003; PELÚCIO, 2005), questões de saúde pública (ARÁN & MURTA, 2009; OCHOA, 2004) e sobre os aspectos políticos e jurídicos (MACÍAS & ARMAZA, 2014; CARRARA, 2012), esse estudo buscou identificar os principais desafios sociais encontrados na trajetória de vida de duas pessoas que transitaram de gênero. Portanto, essa investigação tem por objetivo trazer os aspectos socioculturais vividos por duas mulheres transexuais brasileiras, descrevendo suas experiências e subjetividades em relação ao gênero e à sexualidade.

Os estudos de Bento (2006), Missé & Coll-Planas (2010) e Arán & Murta (2009), também tratam os aspectos socioculturais da transexualidade a partir de um olhar fenomenológico, sustentando reflexões fundamentais sobre o poder e as normas sociais de gênero binário frequentemente naturalizadas e institucionalizadas socialmente. No entanto, esse estudo ao analisar a história de vida dessas mulheres transexuais, uma delas blogueira, contribuirá com informações pertinentes sobre a transexualidade, tanto para as ciências sociais como também para a comunidade LGBT¹ que se identifica com suas redes sociais.

Os blogues são um fenômeno tecnológico, comunicativo e cultural entendido como um espaço de expressão pessoal e construção de uma identidade, pois através das redes sociais o blogueiro expressa seus interesses e constrói uma identidade em um ciberespaço mediante um discurso contínuo e em diálogo permanente com os leitores (ESTALELLA, 2005). Os blogueiros são sujeitos que possuem um papel ativo como emissor-receptor ou produtor-consumidor de mensagens a partir do desenvolvimento de determinadas habilidades técnicas e comunicativas (FLORES-MÁRQUEZ, 2012).

1 LGBT: Lésbicas, gays, bissexuais e transexuais ou transgêneros.

Por este contexto, foi elegida uma blogueira transexual porque os desafios que ela passou e passa, normalmente, são similares aos obstáculos enfrentados pelos indivíduos que transitaram, ou querem transitar, de gênero, podendo ser uma importante fonte de informações para a criação de políticas de gênero. Além disso, o fenômeno da transexualidade permite uma análise dos principais processos psicossociais que acompanham a transição de identidade de gênero, como os sentimentos de medo, estigma e discriminação que levam a um grande sofrimento e, em alguns casos, ao suicídio, sendo importante também para a prevenção.

Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo, orientado desde uma perspectiva sociocultural da comunicação. Está baseado em uma etnografia virtual, que inclui a observação em linha, entrevistas com duas transexuais e uma análise do discurso autobiográfico do livro publicado por uma blogueira transexual e pelos seus relatos nas redes sociais. Considera-se que os blogueiros compartilham características gerais, como o nível educativo, o tipo de emprego e o estilo de vida, assim como certas constantes em seus discursos: infância, a família, a vida adulta e a transição de gênero rompendo com as instituições tradicionais e desafiando os próprios sentimentos.

A coleta das informações foi realizada durante seis meses do ano de 2016. Foram considerados como critérios de inclusão: apresentar-se socialmente como transexual, ser maior de 18 anos e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os participantes foram incluídos independentemente do fato de terem realizado ou não a cirurgia de redesignação sexual, nível de escolaridade, socioeconômico, estado civil ou credo religioso. A seleção seguiu os critérios de conveniência.

Elegeram-se intencionalmente uma mulher transexual heterossexual blogueira de 32 anos e uma mulher transexual lésbica de 40 anos para narrarem a sua trajetória de vida, pelo critério de assiduidade, conhecimento e colaboração voluntária com a investigação. A primeira foi chamada pelo pseudônimo de Amanda e a segunda de Carla para atender os requisitos éticos de manter o sigilo em seus depoimentos. Procurou-se reunir as passagens marcantes de suas vidas com a abordagem de questões-chave para a compreensão das identidades de gênero, sexualidade e os contextos socioculturais. Tal ato pretendeu não somente angariar informações, mas também validar as histórias narradas.

Essa investigação pauta-se na metodologia da história oral e discutiu-se as vivências das trajetórias das interlocutoras somadas àquilo que foi comparado com os estudos existentes. As perguntas versaram sobre o processo de construção das identidades transexuais por meio da elucidação dos discursos e saberes que cercam os participantes, problematizando como chegaram a ser o que são hoje e como foram engendrados nessa história compreendendo o processo vivenciado, contemplando não só os aspectos de gênero e sexualidade, mas também questões socioculturais importantes desde a infância, até a vida adulta. Após a coleta de dados, realizou-se a transcrição literal das entrevistas.

De acordo com Meihy (1996) e Meihy & Holanda (2010), a história oral concentra esforços e atenção em pontos temáticos específicos do colaborador da pesquisa por meio dos registros das manifestações da oralidade humana e as percepções da vida social são utilizadas para explicar determinados contextos, neste caso a transexualidade. Essa metodologia também está presente em diversas disciplinas das ciências humanas, permitindo a aquisição de um status multidisciplinar, além do seu emprego frequente como estratégia a favor de populações oprimidas.

Além disso, a história oral é diferente do simples ato de entrevistar, pois mostra ao leitor um contexto da sua produção com outros significados para os fatos estabelecidos, sendo coerente com

a preocupação dos estudos culturais, ao pretenderem aprofundar os significados, refazendo o percurso histórico de formação e movimentação social. Para Johnson (2006, p.29), o objetivo dessa metodologia é o de abstrair, descrever e reconstituir, em estudos concretos, as formas pelas quais os seres humanos vivem, tornam-se conscientes e se sustentam subjetivamente. Esse estudo foi aprovado pelo Comitê Acadêmico da Universidade de Salamanca (5/2015). As questões éticas seguiram as orientações da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulam a pesquisa envolvendo seres humanos.

Resultados

Na família

Na infância, a criança não vê essa diferença de menino e menina, ela enxerga todo mundo igual como pessoa [...] mas os adultos, minha mãe por exemplo, percebia que eu não era um menino como meus irmãos. [...] o meu jeito era muito diferente, eu sempre fui muito delicada, meu jeito era feminino [...] Eu usava a calça na cabeça para fingir que eu tinha cabelo comprido, igual a ela e a minha irmã. E eu também pegava os batons dela para me maquiar, com 4 ou 5 anos. Eu era o único dos irmãos que fazia isso. (GUIMARÃES, 2016, p. 19)

O comportamento citado no discurso de Amanda é comum em pessoas transexuais, pois, geralmente, os seus gostos surgem na infância. Entretanto, a criança passa por uma profunda confusão ou desorientação sobre o que esse gênero significa, ou deveria significar, assim como de quem pertence o desejo de um gênero. Se o seu desejo

está construído em relação ao que a sociedade quer dessa criança, então a ideia do próprio desejo será inexistente. A partir disso, entende-se que as pessoas desde a infância estão negociando os seus desejos com as atitudes que se esperam delas, criando um desempenho de gênero que nem sempre o sujeito atua por si só. Neste sentido, Carla relatou que:

Me vesti com a roupa da minha irmã com 5 anos de idade. Me vi no espelho e me encantou. Eu lembro como se fosse ontem porque essa recordação acompanha toda a minha vida. Mas, minha mãe disse: ‘rápido tira essa roupa que vai chegar o teu pai e isso é de menina’. Então eu comecei a fazer isso escondido, quando ela saía eu me vestia de menina. Aquilo me marcou porque eu entendi que para ser feliz eu teria que mentir e me esconder. (Carla, 40 anos)

Segundo Carla, essa foi a primeira recordação da infância que lhe causou alegria e, ao mesmo tempo, sofrimento. Ela gostava de colocar as roupas e acessórios da sua irmã, mas não entendia o motivo disso ser considerado estar errado. Mesmo com pouca idade, ela soube que seria castigada se contasse para os adultos, vestindo-se de menina apenas em segredo. Carla contou que não teve o apoio da família e que isso dificultou muito o processo de transição. Já Amanda afirma que desde o início a sua mãe sabia e a defendia com unhas e dentes, tendo um papel fundamental na construção da sua identidade.

Por outro lado, quando contam da infância ou do período antes de incorporar a transexualidade, elas, Amanda e Carla, costumam referir-se a si mesmas pelo gênero masculino. Isso é observado no discurso quando Amanda diz “eu não era um menino”. Além disso, em alguns momentos Carla se confundia, demonstrando a dificuldade de enquadrar-se no sistema de gênero gramatical: “os homens são mais

competitivos no trabalho, em esportes e não *somos invejosos*” (Carla, 40 anos). Para Amanda, o masculino ficou no passado perdoado e o feminino é o seu presente e futuro aceitados.

A partir dos relatos, nota-se que os desejos e gostos começam a florescer na infância. Os sentimentos são expressos naturalmente, mas logo passam a ser controlados e, na maioria das vezes, reprimidos pelo medo de rejeição e por falta de entendimentos do que realmente são. A família é o primeiro espectador de uma pessoa transexual e, de acordo com a sua compreensão, pode ter um papel decisivo no futuro desses sujeitos que no fundo, buscam um apoio familiar para serem felizes com o gênero elegido.

Sem embargo, nem sempre é assim. Para Carla, a sua família foi contra qualquer intenção que ela tinha de ser mulher. Desde os cinco anos a sua mãe lhe dizia que vestir-se de mulher estava errado e isso foi ferindo-a e reprimindo-a cada dia mais. Por outro lado, Amanda, apesar de ter irmãos homens, foi apoiada pela família que sempre esteve ao seu lado, mesmo quando corria pela casa com as roupas da sua irmã. Segundo Amanda, o apoio de sua mãe foi decisivo para que ela esteja viva e feliz atualmente.

Na escola

Passando a infância, na adolescência as coisas ficam mais complicadas. Com o incentivo dos amigos, normalmente os adolescentes começam a “paquerar” o gênero normativo. Perdem a proteção infantil que tinham dos familiares e começam a questionar os seus desejos, vontades e subjetividades. Para Amanda e Carla não foi diferente, elas buscavam uma identidade aliada à emoção de descobrirem-se.

Amanda, ao descrever a sua adolescência, conta que faltava várias aulas, trancava-se no quarto e jogava videogames para esquecer o mundo

real e viver a personagem que queria ser virtualmente. Tinha medo da rejeição e por pressão dos colegas, pois ela atraía-se por meninos, namorou uma menina. No entanto, como ela se atraía por homens, o namoro terminou em pouco tempo. Depois dessa experiência, Amanda entrou em um *chat*² e conheceu um amigo. Marcou um encontro, pensando ser um homem homossexual:

Por um instante, esqueci quem eu era e me entreguei às sensações [...], mas quando eu menos esperava ele colocou a mão por cima da minha calça e, viadaaaaa, o sonho virou pesadelo! Porque então eu voltei para a realidade e lembrei de quem eu era [...] Parei de beijá-lo e tirei a mão dele dali [...] Ele não me via como eu queria ser vista, ele me via como um menino. (GUIMARÃES, 2016, p. 48)

Já Carla também expõe dúvidas que afloraram na sua adolescência, pois, diferente de Amanda, ela era transexual, mas gostava de mulheres, portanto, era uma transexual lésbica:

[...] na puberdade, com 11 anos eu comecei a entender que gostava de meninas. Então, se você gosta de meninas por que vai quer ser uma menina quando adulto? Isso não pode ser. Eu queria gostar de meninas, não de meninos, ter namorada, ter filhos e ter um trabalho, então eu não posso ser uma menina. Isso de ser uma mulher não pode ser. Eu tive que ser menino para conseguir viver. (Carla, 40 anos)

Nesse discurso, nota-se a confusão de sentimentos entre gênero e sexualidade que atormentam um adolescente transexual. Carla pensava ser heterossexual, mas na verdade percebeu que não estava no gênero que gostava, pois queria ser vista como mulher. Assim, descobriu ser

2 Sala de bate-papo da internet usada na época, quando ainda não existiam tantos os sites e aplicativos de relacionamentos.

uma mulher transexual homossexual³, ao contrário de Amanda que era uma mulher transexual, porém heterossexual porque atraía-se por homens. Nesse caso, mesmo que Carla já entendesse a sua sexualidade, o seu gênero estava adormecido querendo sair à luz para os outros.

No entanto, chegando na idade adulta, a identidade de gênero tornou-se mais consciente e elas começaram a buscar um meio de manipular as formas masculinas ou femininas de seus corpos, incorporando significados de gênero polimorfos perpetuados socialmente. Porém, as pessoas transexuais também se consideram biológicas como disse Carla: “[...] eu também sou um gênero biológico, eu não sou de papel, mas por isso agora me chamam de terceiro gênero, ou um gênero novo” (Carla, 40 anos).

Na adolescência, os desejos se desenvolvem e as preferências de gênero e de sexualidade ficam mais evidentes. Existe uma forte pressão social que impulsiona os jovens para seguir os modelos sociais e isso causou sofrimentos e repressão tanto para Carla como para Amanda. As duas foram influenciadas e, por um tempo, seguiram os anseios sociais para serem aceitos pelos colegas da escola. No entanto, essas duas mulheres transexuais logo perceberam que algo não encaixava e que precisavam liberta-se de regras para que assim pudessem entender o que realmente sentiam e como queriam ser vistas, como mulheres transexuais e não mais masculinas como haviam nascido.

No trabalho

Amanda conseguiu um emprego de noite e um tele-*marketing*, já que não a viam, e pediu ao chefe para ser chamada pelo seu nome feminino e não pelo nome da certidão, que ela ainda não tinha mudado. Porém, teve que ser transferida para o turno da manhã porque cansou

3 Heterossexual porque sendo uma mulher, mesmo *trans*, ela se atraía por homens.

de levar garrafadas na rua na volta do trabalho. Além disso, ela conta que, como tinha o corpo andrógino, ela temeu a própria vida, por inúmeras vezes, pois as pessoas a ofendiam com palavras e gestos maldosos tanto na rua como no seu ambiente laboral. No trabalho, Amanda teve que mudar de setor três vezes pelo preconceito que sofria dos colegas preconceituosos: “quando a gente menos espera, tem uma mulher com banana por perto”; “mulher kinder ovo”; “mulher cilada” (GUIMARÃES, 2016, p. 64).

A violência sofrida pelos(as) transexuais que assumem a sua identidade também é demonstrada por Carla quando disse que, muitas vezes, quis ser invisível nas entrevistas de emprego: “Quando eu fiz a transição, tive que me acostumar com os olhares, risos e brincadeiras [...] Também depende do dia e de como eu estou porque se eu estou irritada me giro e digo: ‘qual o teu problema? Não gostas de *trans*?’. E acaba a risada na hora. Eu sou grande, eles me respeitam”. Porém, a violência contra as pessoas transexuais podem ultrapassar as brincadeiras verbais.

Cara afirma que existe muito preconceito nas entrevistas de emprego e que ela mesma não conseguiu trabalho depois da transição. Como ela tinha trabalhado em obras e tinha sido aposentada por uma enfermidade disse que não precisava trabalhar por sorte. Falou também que, por não conseguirem empregos, muitas mulheres transexuais acabam indo para a prostituição. Não por uma escolha de vida, mas como a única forma de sobrevivência que encontram quando não possuíam nenhum apoio, nem familiar, nem de amigos e nem do Estado.

Neste sentido, a transexual brasileira Lea T, filha do ex-jogador Toninho Cerezo, disse em entrevista⁴ que teve medo de ter que entrar na prostituição:

4 Breve resumo da entrevista disponível em: <http://extra.globo.com/famosos/lea-fala-da-primeira-vez-apos-cirurgia-de-mudanca-de-sexo-prazer-igualzinho-19091620.html>

Eu escutava os casos das meninas e pensava: ‘Vou ter que ir para rua’. Elas falavam que eu não ia conseguir emprego, como elas não conseguiram. Liguei para os amigos falando: ‘Quero que vocês saibam que vou seguir minha transição e vou ter que me prostituir, porque vou precisar de dinheiro caso os meus pais não me aceitem’. [...] Aí eu tive a bênção, me colocaram em uma campanha para eu não precisar ir pra rua. (Lea T, 2016)

Amanda também disse que se não fosse a sua mãe, ela não sabe nem se estaria viva. No entanto, apesar dos casos de Amanda e Lea T, a maioria dos(as) transexuais estão desempregados pedindo reconhecimento pela Lei para ter o direito de ser cidadão com vida política e qualidade de vida. Por outro lado, Carla aponta que não teve o apoio da família e teve que assumir sozinha as rédeas da sua vida, passando por conflitos internos e físicos, pois sentia dores corporais diárias, mas com a certeza de que era uma mulher. É possível observar a importância do apoio da família, tanto emocional como financeiro, durante o começo da transição de gênero sendo, muitas vezes, decisivo para evitar a prostituição e também o suicídio comum para muitas pessoas transexuais, segundo Amanda e Carla.

Os desafios do corpo e da mente

O principal desafio de uma pessoa transexual é adequar o seu corpo físico ao seu corpo mental sem sentir-se culpada. Neste sentido, Carla afirma que queria ser como sua companheira “uma mulher que usa saia”. Entretanto, pensava que o seu pensamento estava equivocado e que isso não poderia ser. Deste modo, ela resolveu guardar os seus sentimentos e seguiu sua vida adulta no gênero masculino heteronormativo conforme os anseios sociais. Com 18 anos, ela serviu para o exército, totalmente masculinizada. Posteriormente, casou-se com uma mulher cisgênero⁵ e começou a trabalhar de pedreiro:

5

Mulher que nasceu do gênero feminino e se identifica com ele.

[...] sabia que eu não encaixava, mas não podia dizer nada. [...] essa vontade de ser mulher era algo negativo para mim que me doía e me fazia feridas. Eu não queria passar por isso, eu queria ser um homem normal, que gosta de mulheres e que desfruta de seu gênero. Quando me refletia no espelho como homem tão másculo me doía, meu sonho era inviável, era impossível [...] Eu fiz as tatuagens para masculinizar-me, para poder me olhar no espelho com a barba e não querer ser mulher. Me sentia culpada por sentir isso (Carla, 40 anos).

O corpo tatuado de Carla era uma maneira de negar o seu desejo de ser mulher e vestir-se como tal. Observando o gênero, no âmbito dos dispositivos biopolíticos, encontram-se as resistências por sentimentos de culpa e vergonha de si mesmo. Essa negação de “ser de outro sexo” reitera a norma e os mecanismos de poder que compõe os processos de subjetivação da transexualidade. Ressalta-se, no caso de Carla, que as performances de gênero masculino tinham uma relação direta e causal com as tatuagens como um dispositivo de resistência dos modos de subjetivação de mulher transexual. No entanto, atualmente essa ferramenta de resistência não teria tanto poder de negação, já que as tatuagens são utilizadas por mulheres na mesma proporção que por homens.

Carla disse que sua vida era muito sofrida antes de aceitar-se como mulher transexual. Apesar de não se prostituir, ela começou a beber, usar drogas e foi para o crime, quase acabando com o seu casamento. Seguindo um caminho obscuro, foi presa por um pequeno período, mas suficiente para que os sentimentos comesçassem a desabrochar, cada vez mais fortes, associados a pensamentos pessimistas. Disse que chegou a ponto de querer suicidar-se em vários momentos de solidão. Em liberdade, entrou em depressão profunda: “tive depressão por 3 anos. Foi nesse instante que vi que algo precisava mudar e resolvi buscar ajuda psiquiátrica com o apoio da minha mulher.” Foi pelo medo de suicidar-se que Carla buscou um psiquiatra. Porém, sentiu o poder dos estereótipos transexuais no mundo das instituições de saúde:

Fui ao psiquiatra e depois ele me mandou a uma psicóloga especialista porque o pobre alucinava, não entendia nada do quadro familiar e eu estava sempre com ansiedade, não dava tempo, fazia mil perguntas absurdas e chegou a me chamar de transexual fetichista, que insulto. No hospital, há uma unidade nossa com psicóloga, psiquiatra, endócrina etc. Elas que decidem se tu és uma mulher transexual ou não. É uma avaliação longa, cheia de testes, uns desnecessários com perguntas absurdas e cruéis. (Carla, 40 anos)

Os sentimentos negativos foram frequentemente vistos nos discursos das transexuais. Carla afirma que a maioria dos psiquiatras seguem um estereótipo de gênero binário heteronormativo e como ela não seguia esse modelo tinha o seu diagnóstico distorcido. Nesta perspectiva, ela chegou a pensar: “Será que não sou suficientemente transexual para esse psiquiatra?”. Ela também comentou que nem todos os psiquiatras são capacitados para atender pessoas transexuais, que é um público muito específico. Por esse motivo, ela buscou uma psicóloga particular especialista no tema: “eu tinha 8 conflitos internos quando fui na psicóloga e 9 meses depois não tinha nenhum [...] Ela mudou a minha vida, a tenho como uma pessoa muito importante” (Carla, 40 anos).

Logo que Carla entendeu que era uma mulher transexual, mas que não queria operar-se, surgiram outras questões aparentemente contraditórias pelo modelo heteronormativo em sua cabeça: “se sou mulher por que gosto de mulheres? Então eu entendi, primeiro vem meu gênero, depois penso na sexualidade. Assim como existem pessoas cisgênero heterossexuais ou homossexuais, também existem transexuais assim.” Essas foram as suas palavras ao explicar a confusão social que existe quando tratamos esses aspectos. O seguinte discurso resume a importância de aceitar o seu gênero para si e para os outros e, logo, pensar na sexualidade, se simultaneamente for incompatível.

Primeiro temos que entender o que somos e o que sentimos e depois buscar a identidade como mulher. Para mim, o importante na base de tudo era o gênero para que os outros me reconheçam. Não somente para mim porque isso é fácil, mas para que os outros me reconheçam como mulher, e isso sim que é difícil. E logo, pois, têm os hormônios, a cirurgia, tem a roupa, etc. (Carla, 40 anos)

Entretanto, Carla não estava vivenciando uma experiência transitória. Ela sentia que realmente era uma mulher transexual homossexual que não tinha a intenção de realizar uma cirurgia de redesignação de sexo e necessitava uma ajuda psicológica. Em outra perspectiva, Amanda comenta que considera um insulto quando os psiquiatras diagnosticam os transexuais como doentes, pois ela refere sentir-se em perfeitas condições de saúde: “Não acho que todos precisem de tratamentos psicológicos porque uns têm tudo bem claro e quando falam de tratamento eu sinto que a transexualidade é vista como uma enfermidade” (Amanda, 32 anos). Por outro lado, Carla concorda com os psiquiatras quando dizem que a transexualidade pode ser considerada uma enfermidade, pois para ela quando uma pessoa transexual não pode expressar a sua identidade de gênero e reprime a sua personalidade, ela está enferma.

Por outro lado, para Amanda a cirurgia de redesignação de sexo é uma forma de localizar o gênero no espaço social e sentir-se mais completa, por isso ela guardou dinheiro e foi realizar a cirurgia na Tailândia. Para ela, as cirurgias, assim como as roupas, servem para facilitar o reconhecimento dos outros, mesmo ressaltando que para ela ser mulher era uma atitude interna manifestada pelo comportamento:

Minhas operações serão para uma melhor localização do meu gênero e não da estética. [...] agora que eu vi o que sofri, quero melhorar e terminar de cumprir o meu sonho porque quando sonhas em ser mulher não sonhas com isso andrógino, sonhas com corpo de mulher. (Amanda, 32 anos)

Ela diz que as amigas que também fizeram a cirurgia estão felizes. Por outro lado, as experiências que viu com os homens transexuais: “a faloplastia é mais complicada pela uretra. É muito ruim, não é satisfatória, então têm poucos homens transexuais fazendo”. Ela destaca que os homens transexuais se submetem frequentemente a ginecomastia, técnica cirúrgica que retira o excesso de tecido mamário. Para Amanda, a prioridade são os seios para sentir-se uma mulher feliz:

Para nós, os peitos são mais importantes que a vagina, localizam mais no gênero. [...] Eu sempre sonhava em ter peitos, tenho a glândula mamária e o peito redondinho como de uma menina de 13 anos, me falta crescer mais. Eu quero colocar silicone, mas não muito, quero que seja normativo, que se veja. (Amanda, 32 anos)

Além do corpo, a dimensão subjetiva do mal-estar do gênero causado pela sociedade, pode encontrar um paradoxo ao introduzir mudanças sociais para reduzir o padecimento humano vinculado às exclusões que o modelo normativo de gênero produz. A discriminação, o maltrato, a marginalização, a opressão, a violência médica, o estigma, os aut preconceitos e a medicalização são exemplos das experiências desagradáveis que o modelo binário provoca em um indivíduo que não se enquadra. Posturas radicais incapazes de dialogar causam dor e sofrimento aos sujeitos que acabam, muitas vezes, cedendo ao dogmatismo logicista por medo da diferença dentro dos coletivos sociais.

Desta maneira, através da transformação do corpo binário para uma forma andrógina ou de terceiro gênero, os(as) transexuais se libertam do sofrimento que carregam quando habitam um corpo em que não se identificam. A sensação de viver em um corpo estranho para si mesmo, pode ser um dos mais dolorosos conflitos internos, segundo os relatos de Carla e de Amanda, sendo a transição fundamental para serem completamente felizes.

A transição

As pessoas transexuais utilizam a tecnomedicina para a produção do gênero social que buscam nos seus corpos. O complexo sistema de alternativas médicas, como os hormônios sob o domínio dos endocrinologistas e as técnicas de cirurgias de redesignação de sexo, permitem a construção de uma identidade transexual com a aquisição de um novo corpo. Essa mobilidade também atinge traços sutis de gênero como os gestos e comportamentos femininos aprendidos desde a infância.

O tratamento hormonal é uma das ações de maior investimento dos(as) transexuais, visto que, ao alterar os caracteres sexuais secundários se produz uma maior adequação do corpo no gênero desejado antes das cirurgias de redesignação de sexo. Tanto transexuais femininas quanto masculinos têm feito os tratamentos, prescritos pelos médicos, ou não, com hormônios sexuais. Existem inúmeras páginas nas redes virtuais que têm como foco a descrição e a interação com o uso de hormônios, a da Amanda conta algo, mas especifica esses tratamentos.

Neste contexto, juntamente com o tratamento psicológico, Carla fez o hormonal. Nesse momento, as mulheres transexuais administram estrógenos e os homens transexuais, testosterona. Porém, nem sempre há um controle médico e eles tomam os hormônios indiscriminadamente, podendo causar riscos irreversíveis à saúde. De acordo Amanda, a maioria dos usuários chega aos serviços de apoio aos transexuais já tendo feito uso anterior de algum tipo de hormônio por automedicação, indicação de amigos ou através de informações coletadas na internet, sendo um ponto de discussão importante pelo dano causado à saúde.

Neste sentido, Carla disse quando começou a fazer o tratamento hormonal, a mudança no corpo físico e emocional foi palpável. Afirma que a glândula mamária desenvolveu-se, aumentando e arredondando os seios. A pele afinou com o passar do tempo e, além disso, ficou emocionalmente mais sensível, chorando constantemente. Sem embargo,

ela disse que infelizmente a sua voz não mudou, diferentemente do que acontece com os homens transexuais quando administram testosterona e a voz parece engrossar.

Segundo Amanda, uma parcela dos(as) transexuais querem realizar a cirurgia de redesignação de sexo⁶ para a adequação do sexo anatômico ao seu sexo psicológico, sendo necessário uma série de testes psicológicos e outros pré-requisitos. No entanto, Carla afirma que é importante destacar que nem todos os (as) transexuais desejam operar-se, alguns querem apenas mudar a aparência física sem a mudança do genital, como ela, mas que a maioria busca na cirurgia a sua total felicidade. Um ponto interessante que Carla disse foi que apesar dos protocolos serem validados, ninguém poderia dizer como os(as) transexuais devem ser corporalmente, pois “cada um será de um jeito, cada identidade, cada pessoa leva sua identidade de gênero e tem a sua história” (Carla, 40 anos).

Sem embargo, Amanda conta que existem diversos aspectos exigidos para a cirurgia de redesignação sexual como os testes psicológicos que levam ao diagnóstico de disforia de gênero, o uso de roupas do gênero oposto por dois anos, entrevistas com testemunhas e o tratamento hormonal. Entretanto, ela diz que quando a cirurgia é particular, nem sempre esses requisitos são cumpridos. Ela foi para a Tailândia para operar-se com médicos especialistas e por preços mais acessíveis que no Brasil e agora se sente completa e feliz.

Discussão

Segundo Galli et al (2013), o(a) transexual é um indivíduo que possui o sentimento irreversível de pertencer ao sexo contrário ao que foi genética e morfologicamente estabelecido, ou seja, a pessoa não se

6 Cirurgia plástica de mudança de sexo que constrói através dos tecidos, do pênis ou da vagina, um órgão oposto o mais próximo possível do biologicamente conhecido.

identifica com seus genitais biológicos e as suas atribuições socioculturais referente a tal gênero. Nessa mesma linha, Cardoso (2008) diz que o(a) transexual tem todas as características físicas do sexo constante na sua certidão de nascimento, porém sente-se como pertencente ao sexo oposto psicologicamente e socialmente.

Neste sentido, Soley-Beltrán (2004) aponta que os transexuais são como fugitivos da ordem binária de gênero, mais bem um exemplo de performance que ilustra os processos de normalização e melancolia de gênero que estamos todos sujeitos, dado que os padrões colectivamente definidos de aceitabilidade genérica que exigem a adequação dos corpos, desejos e identidades ao gênero que nos foi definido ao nascer. Porém, para a autora, essa ânsia por alcançar os ideais de gênero prescritos nos empurra a uma perpétua busca e quando existe uma impossibilidade causa uma melancolia de querer ter sido.

De acordo com Giddens (1993), os processos de feminilização das mulheres parecem enfatizar que a anatomia não é mais o destino da humanidade, pois pode ser facilmente manipulada por vários motivos. Quando trata-se de mulheres transexuais, o corpo em que habitam e as mudanças corporais que podem realizar, configuram uma escolha associada ao estilo de vida de preferência do indivíduo.

Assim, na infância a construção cultural do corpo ou o *embodiment*⁷ (CSORDAS,1990) que se encontra paralisado e passivo. Já na adolescência, o corpo começa a ganhar representações simbólicas ativamente com a formação dos significados socioculturais que, na maioria das vezes, são impostos coletivamente pelo tradicional binarismo de sexos. Duque (2012), pesquisou adolescentes travestis na cidade de Campinas, refletindo a respeito de questões teóricas, políticas e metodológicas que envolvem o gênero e a sexualidade

7 O termo *embodiment* de Csordas (1990) é a corporificação através da apropriação de signos sociopolíticos no corpo.

na contemporaneidade. Segundo o autor, o desafio dessa temática é pessoal, corporal e subjetivo em que o corpo permite a experiência de ser ele mesmo.

Desta maneira, o *embodiment* das pessoas transexuais refere-se à apropriação cultural de gênero e sexualidade com o fim de adquirir formas corporais e práticas simbólicas desejadas. A transformação de seus corpos transgride às limitações biológicas construindo uma posição social ou uma performance de gênero que aborda Butler (2009). Esse gênero é uma construção deliberada e não um processo natural (ANTUNES & MARCANTES, 2011). Não obstante, ocorre uma insistência das ciências biomédicas em naturalizar o gênero. A partir da lógica social se estabelece um significado aos corpos, práticas, relações, crenças e valores. Mesmo que o gênero seja variável, e diverso culturalmente, parece parte de um princípio conferindo sentido à realidade em que vivemos. Tanto o corpo produz o gênero, como o gênero produz o corpo em uma relação simultânea (BENEDETTI, 2005). Ademais, há significativas descontinuidades entre as normas de gênero e a normativa sexual.

Neste contexto, Butler (2009) aponta que as definições de gênero e sexualidade são distintas, mas acredita não ser possível dissociá-las completamente. Para ela, algumas formas de sexualidade estão vinculadas com fantasias sobre o gênero, e algumas formas de viver o gênero requerem certos tipos de práticas sexuais. Ademais, Butler ressalta que não podemos criar nada, pois somos influenciados previamente pela sociedade em qualquer ação que vamos tomar: “ainda que podamos refazer nossos gêneros ou tentar refazer, com pouco êxito, a nossa sexualidade, estamos presos por normas, mesmo que lutemos contra elas” (BUTLER, 2009, p. 334).

Por outro lado, Preciado (2008, p. 26) discute a nova governabilidade social a partir dos conceitos de sexopolítica e biocapitalismo, de-

senhando uma cronologia das transformações da produção industrial do último século do ponto de vista do que se converteu no negócio do novo milênio: a gestão política e técnica do corpo, do sexo e da sexualidade. Ou seja, no mundo contemporâneo faz-se pertinente realizar uma análise sexopolítica da economia mundial, pois para a autora existe uma vigorosa circulação de fármacos que incentivam um conjunto de discursos e práticas arrastando os sujeitos a criarem novas formas de existência.

Portanto, ao contrário da repressão tradicionalista da sociedade, também existe uma onda econômica farmacológica interessada na mudança de gênero. Le Breton (2011), também afirma que nas sociedades modernas existe uma medicalização progressiva do corpo. É possível fazer dialogar as reflexões de Preciado com as análises que Butler desenvolve ao definir o gênero e a sexualidade como dispositivos de controle sociocultural:

[...] ainda que a sexualidade não se reduza ao gênero, está moldada e mobilizada por significantes que nenhum de nós realmente escolhe. Podes decidir qual tipo de relaciones sexuais queres [...] Estás decidindo sobre o que fazer acerca de algo que em parte decidiram por ti, algo que é anterior à reflexão e que nunca está completamente controlado por ti. (Butler, 2009, p. 335).

Deleuze (1995), assim como Preciado (2008) e Butler (2009), afirma que as pessoas que vivem em sociedade não atuam mais por confinamento, mas sim por controle contínuo e comunicação instantânea. Essa governabilidade age sobre a vida e o vivente, constituindo um dos elementos centrais da biopolítica contemporânea. Mesmo que o controle social domine os pensamentos coletivos, a sexualidade permite aos transgêneros transitar sobre as posições do sujeito em sociedade com as suas especificidades sociais, físicas e culturais construindo significados elaborados em suas práticas sociais, trocas sexuais e no seu corpo.

Os estudos *Queer* buscam compreender as práticas sociais que organizam a sociedade como um todo pela “sexualização”, “heterossexualização” e “homossexualização” de corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais. São interrogados os processos sociais normalizadores que criam classificações gerando a ilusão de que existem sujeitos estáveis, identidades naturais e comportamentos regulares (ANTUNES & MARCANTES, 2011; OCHOA, 2004).

Butler (2009, p. 323), também aponta que o gênero é uma performance significa afirmar que possui uma determinada expressão e manifestação social, já que a aparência do gênero geralmente se confunde com um signo de sua verdade interna inerente. O gênero, condicionado a normas obrigatórias, oprime os(as) transexuais que não se enquadram na classificação binária heteronormativa. Portanto, redefinir-se criando novas formas de gênero é tomar o poder de si mesmo, reproduzir uma negociação de poder social com o poder emocional interno. No entanto, nem sempre essa construção de uma nova identidade de gênero é pacífica, a sociedade é preconceituosa e agride física e emocionalmente as pessoas transexuais.

A precariedade, está diretamente relacionada com as normas de gênero, pois sabemos que quem não vive seu gênero de uma maneira inteligível entra em um alto risco de perseguição e violência. As normas de gênero têm muito que ver com como e de que maneira podemos aparecer no espaço público; como e de que maneira se distinguem o público do privado e como esta distinção se instrumentaliza ao serviço das políticas sexuais; quem estará criminalizado segundo a aparência pública; quem não será protegido pela lei ou, de maneira específica, pela polícia, nas ruas, ou no trabalho ou em casa. (BUTLER, 2009, p. 324).

Neste sentido, o antropólogo Kulick (1998) fez uma investigação em Salvador (Brasil) com travestis que se dedicavam à prostituição,

analisando as formas de modificar os corpos, as motivações da busca por uma nova identidade de gênero e as dificuldades das relações afetivas e familiares. Para o autor, a transexualidade não ocorre de maneira natural, mas sim como um produto da criação de um contexto da sociedade que assume formas específicas. Fugindo da normativa de gênero esperada, as travestis enviam mensagens das dificuldades de viver as novas possibilidades de gênero na sociedade brasileira e um mundo hostil e perigoso.

Carrara e Vianna (2006) também tratam da violência contra travestis na cidade do Rio de Janeiro, mostrando o grave problema social que sofrem quem luta por viver no seu gênero transitado. Oliveira (1997) em sua tese doutoral também abordou a dificuldade dos travestis em Florianópolis e a violência e prostituição advindas de um meio pouco sociável.

Em outra perspectiva, durante a transição de gênero, os tratamentos hormonais parecem constituir um ritual de passagem através do qual o status de transexual é conquistado. O processo corporal elaborado pelos(as) transexuais com os hormônios é um traço diacrítico da transexualidade: “Não há conversa com travestis que não verse sobre suas experiências com hormônios. [...] segundo os travestis, os hormônios a verdadeira fonte de feminilidade” (BORBA & OSTERMANN, 2008, p. 414). Neste contexto, Larissa Pelúcio (2005) afirma que travestis são pessoas que se entendem como homens, vestem-se e comportam-se como mulher, mas não querem operar as suas genitálias, porém a maioria delas tomam hormônios.

Neste sentido, Hélio Silva, fez uma etnografia sobre travestis no Rio de Janeiro afirmando que além dos hormônios para que ser um travesti é preciso moldar o corpo com silicone (HELIO SILVA, 1993). Ser travesti é um processo e que as pessoas se “montam” de acessórios femininos e passam a vida cuidando e aperfeiçoando o corpo, mas desejam e querem ter relações com homens (PELÚCIO, 2005, p. 98).

Diferentemente dos travestis, as pessoas transexuais depois da ingestão de hormônios começam a pensar na cirurgia de redesignação de sexo. Por outro lado, Fernanda Cardozo (2009) aponta que as identificações entre travestis e transexuais não seguem rígidos ou claros regimes divisórios, sendo complicado defini-los. Júnior (2012), aponta que termos como transexual (TS), travesti (TV), intersexo, andrógino, hermafrodita, shemale, tranny, crossdresser, futanari, new-half, hijra, kathoey e ladyboy são usados genericamente como sinônimos não apenas de pessoas que transitam entre os sexos/gêneros, mas de exotismos esteticamente marcados e sensacionalmente sexualizados.

Em 1952, foi publicada a documentação da primeira cirurgia de redesignação na cidade de Copenhague, Dinamarca (LIMA & CRUZ, 2016). Tratava-se de um ex-soldado americano que passou a ser Cristine, transformando-se em um marco para a transexualidade enquanto fenômeno que ultrapassa os espaços medicalizados. Além disso, é importante salientar que para a realização da cirurgia de redesignação de sexo existe um protocolo com requisitos bem estabelecidos para que a pessoa não corra o risco de se arrepender. A Resolução nº. 1.482/97 autorizou as neocolpovulvoplastias (construção da vagina), neofaloplastia (construção do falo), garantindo também os procedimentos complementares quanto às gônadas e aos caracteres sexuais secundários. Normatizou o acesso às cirurgias e estabeleceu que a seleção dos pacientes deverá ser realizada por uma equipe multidisciplinar (psiquiatra, cirurgião plástico, endocrinologista, psicólogo e assistente social).

Por fim, destaco o estudo de Carrara (2012) que aborda a luta pelos chamados “direitos LGBT” no Brasil, considerando-a como uma política que pode ser compreendida como um “direito sexual”, pois os processos de estigmatização e discriminação têm, em sua origem, determinadas atitudes e valores relativos à sexualidade. Para o autor, os perigos da reificação das identidades sexuais e de gênero e de seu

impacto sobre políticas e direitos podem acabar sendo mais excludentes que inclusivos porque a naturalização de novas clivagens sociais pode continuar a estabelecer fronteiras intransponíveis (heterossexuais ou homossexuais, homens ou mulheres, gays ou travestis), fazendo com que pareça um modelo de justiça social baseado no ideal de “iguais, mas que são separados”.

Conclusões

Este estudo, ao descrever os principais momentos da trajetória de Amanda e Carla, buscou desconstruir antigos conceitos sobre a transexualidade limitados pela sociedade binária heteronormativa. O ponto forte na formação identitária do gênero ocorreu quando elas se aceitaram para si e para os outros, abrindo um leque de novas oportunidades de ser feliz, mesmo com diversas as batalhas psicossocioculturais que combateram.

Habitar um corpo sacionormativo com o qual elas não se identificavam causava sofrimento e marcas emocionais que nem sempre puderam ser superadas. Essa dor leva muitas pessoas transexuais a cometer suicídio, entrar em depressão ou automutilar-se. Deste modo, para manterem-se vivas e ativas, mesmo fora dos padrões de beleza convencionados, Amanda e Carla se transformaram em mais do que atrizes do espetáculo do corpo, mas também em diretoras e formadoras de críticas do show das suas vidas.

Portanto, pode-se afirmar que a transição de gênero de Amanda e de Carla, mais do que proporcionar o gênero e a sexualidade ansiada, visava a perpetuação da sua saúde através do bem-estar físico e emocional, livrando-as de seus próprios medos, culpas e preconceitos e enfrentando as barreiras sacionormativas impostas pela sociedade e trazendo felicidade.

Através desse estudo, podemos pensar em como a sociedade pode influenciar negativamente em todas as fases da vida das pessoas transexuais desde a infância até a idade adulta. As mudanças corporais representam uma existência de desafios, lutas, vitórias e derrotas. Tentar apagar as lembranças do passado, em outro gênero, seria como deletar seu histórico e negar as memórias da transição, portanto, aceitar-se como transexual é tão importante como viver o novo gênero.

Assim, pode-se compreender a transexualidade como um espetáculo do corpo paradoxal culturalmente construído em que, de um lado, a indústria farmacêutica estimula a formação de novas possibilidades de gêneros, de outro, a sociedade tradicionalista dificulta a sua vida laboral, levando as pessoas transexuais a seguir, muitas vezes, um caminho de prostituição, abandono e violência.

Portanto, como esse estudo tratou de um público muito específico, sugiro que novos estudos sejam feitos com outras abordagens que promovam um maior entendimento de todos os diferentes contextos socioculturais que integram as pessoas transexuais.

Referências

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco & MERCADANTE, Elisabeth Frohlich. Algumas contribuições da filosofia e sociologia na compreensão do envelhecimento e velhice de travestis. *Revista Portal de Divulgação*, v.11, p.76-95, 2011.

ARÁN, Márcia; MURTA, Daniela. Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 19, n. 1, p. 15-41, 2009.

BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: O corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2006.

BORBA, Rodrigo & OSTERMANN, Ana Cristina. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. *Revista Estudos Feministas*, v.2 , n.16, pp. 409-432, 2008.

BUTLER, Judith. Performatividad, precariedad y políticas sexuales. *AIBR: Revista de Antropología Iberoamericana*, n.3, v.4, pp. 321-336, 2009.

_____(1998). *Mecanismos psíquicos del poder*. Valencia: Cátedra.

CARDOSO, Patrícia Pires. *O transexual e as repercussões jurídicas da mudança de sexo*. Disponível em: http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=2623. Acessado em: 12 dez. 2017

CARDOZO, Fernanda et al. *Das dimensões da coragem: socialidades, conflitos e moralidades entre travestis em uma cidade no sul do Brasil*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2009.

CARRARA, Sergio. Políticas e direitos sexuais no Brasil contemporâneo. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, n.5. v.4, pp. 131-148, 2012.

CARRARA, Sergio & VIANNA, Adriana. “Tá lá o corpo estendido no chão”... : a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, v.2, n.16, pp. 233-249, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. *Psicanálise e contexto cultural: Imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapias*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

CSORDAS, Thomas. Embodiment as a Paradigm for Anthropology. *Ethos*, n.18, pp. 5-47, 1990.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Valencia: Pre-Textos, 1995.

DUQUE, Tiago. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência. *Estudos feministas*, v.2, n.20, pp. 489-500, 2012.

FLORES-MÁRQUEZ, Dorismilda. La generación de la incertidumbre: una radiografía de la juventud desde el blogging autobiográfico. *Revista Argentina de Estudios de Juventud*, v.5, n.1, pp. 1-12, 2012.

GALLI, Rafael. Alves et al. Corpos mutantes, mulheres intrigantes: transexualidade e cirurgia de redesignação sexual. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.4, n.29, pp. 447-457, 2013.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.

GUIMARÃES, Amanda. *Meu nome é Amanda*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

JOHNSON, Richard. O que é afinal estudos culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu. *O que é afinal estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

JÚNIOR, Jorge Leite. Labirintos conceituais científicos, nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre os gêneros. *Cadernos Pagu*, n. 38, p. 99-128, 2012.

KULICK, Don. *Travesti: Sex, gender, and culture among Brazilian transgendered prostitutes*. University of Chicago Press, 1998.

LE BRETON, David. (2011). *Antropologia do corpo e modernidade*. Petropolis: Vozes.

LIMA, Fatima. & CRUZ, Kathlenn. The hormonization process and the production of health care in male transexuality. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n.23, pp. 162-186, 2016.

MACÍAS, Elena & ARMAZA, Emilio Jose. La transexualidad: aspectos jurídico-sanitarios en el ordenamiento español. *Salud colectiva*, v.3, n.10, pp. 365-377, 2014.

MEIHY, Jose Carlos. (1996). *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola.

MEIHY, Jose Carlos & HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2010.

MISSÉ, Miguel & COLL-PLANAS, Gerard. *El género desordenado: críticas en torno a la patologización de la transexualidad*. Barcelona: Egales Editorial, 2010.

OCHOA, Marcia. Ciudadanía perversa: divas, marginación y participación en la ‘loca- lización’. En: MATO, D. (coord.), *Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización*. Caracas: FACES, Universidad Central de Venezuela, pp. 239-256, 2004.

OLIVEIRA, Marcelo Jose. *O lugar do travesti em Desterro*. Tesis Doctoral. Universidade Federal De Santa Catarina, 1997.

PELÚCIO, Larissa. “Toda Quebrada na Plástica”: Corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. *Campos Revista de Antropologia Social*, 1-2 (60), pp. 97-112, 2005.

PRECIADO, Beatriz. *Testo yonki*. Madrid: Espasa, 2008.

RESOLUÇÃO nº 1.482/1997, de 10 de setembro de 1997 do Conselho Federal de Medicina (CFM). Recuperado de: http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/cfm/1997/1482_1997.htm

SILVA, Helio. *Travesti – a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ISER, 2003.

SOLEY-BELTRÁN, Patricia. In-transit: la transexualidad como migración de género. *Asparkia: investigació feminista*, 15, pp. 207-232, 2004.